



CIÊNCIAS HUMANAS

Educação Empreendedora nos Ensinos Médio e Fundamental: Diversas Percepções

Entrepreneurial Education in Primary and Secondary Schools: Several Perceptions

Silvana Neumann Martins¹; Aline Diesel²; Jacqueline Silva da Silva³

RESUMO

Este estudo objetivou conhecer as percepções de professores de Ciências Exatas, sobre educação empreendedora. A pesquisa constitui-se em um estudo de caso com abordagem qualitativa. As informações foram obtidas por entrevistas semiestruturadas com 6 professores de Ciências Exatas, mestrandos de um Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, atuantes em escolas do Vale do Taquari/RS/BR. A análise dos enunciados seguiu as orientações metodológicas da análise textual discursiva (ATD). Com os resultados obtidos, assevera-se que a cultura empreendedora está adentrando nas escolas, levando os alunos a aprender a empreender, o que contribui para a melhoria do ensino de Ciências Exatas.

Palavras-chave: *professores, ciências exatas, práticas pedagógicas inovadoras*

ABSTRACT

The purpose of this study was to learn about Exact Sciences teachers' perceptions regarding enterprising education. The research comprises a case study from a qualitative approach. All the information was obtained through semi-structured interviews with 6 Exact Sciences teachers, Masters undergraduates at an Exact Sciences Teaching Post-Graduation Program who work in schools in the Vale do Taquari/RS/BR. Analysis of the statements followed the Discursive Textual Analysis (DTA) methodological instructions. From the results obtained, it can be asserted that the enterprising culture is seeping into schools and leading students towards learning about being enterprising, which contributes to improving the teaching of Exact Sciences.

Keywords: *teachers, exact sciences, innovating pedagogic practices*

DOI <http://dx.doi.org/10.15536/thema.13.2016.36-46.309>

¹Centro Universitário UNIVATES; ²Centro Universitário UNIVATES - Bolsista PROSUP/CAPES;

³Centro Universitário UNIVATES

1. INTRODUÇÃO

Embora a docência não seja a mais antiga das profissões, é, no entanto, uma profissão que promove mudanças e expectativas na sociedade. É, também, uma profissão em constante processo de mutação. Se num passado recente acreditava-se que ensinar era transmitir informações, hoje “ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, a fim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização” (Tardif, 2004, p.118).

Atualmente, a ênfase do ensino está na aprendizagem e isso traz para os professores a tarefa de ajudar o aluno a aprender, de internalizar uma postura questionadora, empreendedora, crítica e permanentemente aberta às mudanças culturais, científicas e tecnológicas. No entanto, sabe-se que envolver os alunos em suas aprendizagens não é tarefa fácil, porque exige observação e avaliação dos alunos em situações diferenciadas e um balanço periódico sobre as dificuldades ou avanços evidenciados.

Assim, acreditando que uma nova maneira de ensinar e de aprender na sala de aula pode ser conquistada, este estudo ampara-se nos princípios da educação empreendedora. Essa abordagem traz para a reflexão a aprendizagem empreendedora, caracterizando-a como um processo dinâmico de conscientização, reflexão, associação e aplicação que envolve transformar a experiência e o conhecimento em resultados aprendidos e funcionais (Lopes, 2010).

Cada vez mais o ato de empreender deve ser agregado a conteúdos e a ações pedagógicas trabalhadas no Ensino Médio e Fundamental, para formar indivíduos determinados e dispostos a planejar, criar e inovar. Neste trabalho, empreendedorismo e educação empreendedora são considerados como um movimento educacional que se preocupa com o social (Martins, 2010). Por conseguinte, o que se busca através deste trabalho é aproximar as propostas do relatório UNESCO da sala de aula, desenvolvendo o saber aprender, o saber fazer, o saber ser, o saber conviver e o aprender a empreender, este último surgindo como proposta deste estudo.

Apesar de existirem resistências internas e falta de uma cultura empreendedora nas instituições de ensino, este é a temática foco deste artigo, que é oriundo de um projeto de pesquisa intitulado “Educação Empreendedora e Pedagogia Inovadora nos Ensinos Médio e Fundamental: concepções sobre práticas pedagógicas, aprendizagens e perspectivas sociais”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Nessa pesquisa, procurou-se responder à seguinte questão: “Como professores de Ciências Exatas, mestrandos de um Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas, percebem a educação empreendedora em sua prática pedagógica?”.

Nessa linha, o propósito deste estudo foi conhecer as percepções e os conceitos de seis professores da área de Ciências Exatas, que atuam nos Ensinos Médio e Fundamental, em escolas públicas e privadas, em três municípios do Vale do Taquari, RS, Brasil, sobre a educação empreendedora, bem como o significado que essa educação representa para suas práticas pedagógicas.

Para alcançar o objetivo proposto, inicialmente, são apresentados os fundamentos teóricos que sustentam este estudo, pautados especialmente em Dolabela (2008), Martins (2010) e Lopes (2010),

os quais tratam da educação empreendedora no contexto escolar. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação, seguidos dos resultados encontrados, em as reflexões possibilitadas por esses resultados.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A preocupação de todo educador é, em primeiro lugar, desempenhar de forma satisfatória a sua tarefa educativa e, para isso, precisa refletir e entender a sua prática e as concepções que norteiam essas práticas. Entretanto, como ensinar é um processo interativo e, por isso, é preciso superar a reflexão solitária e lançar um olhar sobre os fenômenos que ocorrem à sua volta. A interatividade do ensino considera prioritariamente a sala de aula, mas passa também pela compreensão de seu papel na coletividade da ação docente, em diferentes níveis de ensino.

Sabe-se que um dos grandes desafios deste início de século, em que um panorama de alto desenvolvimento científico-tecnológico está presente, é tornar o homem capaz de utilizar sua criatividade para gerar inovação e provocar mudanças no cenário em que está inserido. Isso implica uma postura sensível, dinâmica, responsável, independente, participativa e empreendedora. A escola, na tentativa de enfrentar essa questão, tem buscado caminhos para reestruturar e renovar seus projetos pedagógicos, voltados à instauração de um ambiente de ensino e de aprendizagem favorável à construção desse novo homem.

É evidente também que há, ainda, um longo caminho a ser percorrido para que a universidade, na formação inicial do futuro professor, oportunize reflexões que venham a instigar o espírito empreendedor. Entretanto, essa função cabe também à formação continuada, aqui entendida como um “processo permanente, constituído por uma rede de histórias vivenciadas, conhecimentos e valores”, desenvolvidos pelo professor ao longo de sua caminhada profissional, tanto dentro quanto fora da sala de aula (Menslin, Hobold; 2014, p. 501).

Nesse sentido, percebe-se que se tornam cada vez mais urgentes pesquisas e estudos sobre formação de professores, gestão educacional e educação empreendedora, pois a educação deve assumir a responsabilidade de conscientizar, instigar e contribuir para a formação de pessoas criativas, empreendedoras e comprometidas com o desenvolvimento coletivo.

Essa (re)construção é um desafio para todos os profissionais da educação que atuam no Ensino Superior, no Médio e no Fundamental, e isso não significa abandonar o que já foi construído, mas partir do construído para encontrar soluções inovadoras. Para que isso aconteça, é necessário empreender esforços para conhecer como ocorre o processo de pensar e agir criativo dos alunos e de que forma a aprendizagem influencia e é influenciada no universo pedagógico. Cabe aos educadores, em cada aula, arriscar formas inusitadas de agir e de se expressar indo ao encontro da construção de uma educação empreendedora.

Segundo Dolabela (2008), empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship* e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação. A palavra ‘empreendedor’ é utilizada neste projeto para designar principalmente as atividades de quem se dedica à transformação de conhecimentos em serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação na área da

educação (Martins, 2010). Estão aqui contemplados o professor empreendedor e a geração de novos conhecimentos, de novas tecnologias e a agregação de valor que leva à aprendizagem.

Como se pode ver, em uma abordagem voltada para a educação empreendedora não objetiva apenas que os alunos entendam o gerenciamento de um negócio próprio e lucrativo, mas sim, que eles consigam empreender a própria vida, persistindo nos seus objetivos (Martins, 2010). Nesse contexto, o sujeito empreendedor não é o que se preocupa com a geração de lucro. Empreendedor é aquele que não apenas discerne situações, mas entende onde deseja chegar, imaginando mais do que aquilo que deve fazer: ele se ocupa em ter claras as vias de sobre como fazê-lo (Filion, 2000).

Quando se afirma que a educação empreendedora é imprescindível na busca da edificação de um ser humano consciente, líder, inovador, ético e que se orienta por princípios e convicções, deduz-se que essa abordagem pode alcançar um ideal de educação, que ocorre quando, literalmente, consegue-se colocar em prática os quatro pilares citados no relatório UNESCO da Comissão Internacional para o Século XXI, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver (Delors, 2001, p. 141).

Neste estudo, sugere-se que mais um pilar seja agregado aos sugeridos por Delors (2001) - o aprender a empreender, pois, segundo Dolabela (2008), o empreendedorismo é um instrumento de desenvolvimento social e não só de crescimento econômico e a teoria do empreendedorismo deve ser disseminada para que possa ser utilizada a fim de que seja produzida uma mudança cultural. Através da educação empreendedora,

não se quer transformar cada criança, cada jovem estudante em um agente de criação de empresas, mas sim em indivíduos que consigam introjetar em sua vida, após ter contato com a teoria, valores, atitudes, formas de percepção do mundo e de si mesmo voltados para a capacidade de inovar, perseverar e de conviver em harmonia com o outro (Martins, 2010, p. 16).

Desse modo, a educação empreendedora emerge, objetivando conscientizar os envolvidos a respeito do empreendedorismo e da carreira empreendedora, e desenvolver qualidades pessoais relacionadas às competências necessárias para o mundo moderno, como criatividade, assumir riscos e assumir responsabilidades (Lopes, 2010).

Assim, tentou-se nesta seção esclarecer o que se entende por educação empreendedora, dando subsídios para a análise dos dados coletados. Contudo, para melhor compreensão dessa etapa de reflexão sobre as informações coletadas, cabe trazer a descrição dos procedimentos metodológicos adotados.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

A investigação aqui apresentada aproxima-se do Estudo de Caso (Yin, 2010), com abordagem qualitativa e o tratamento das informações seguiu as orientações da Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes (2007).

A ATD pode ser entendida como o "processo de desconstrução seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se a partir disso, novos entendimentos

sobre os fenômenos e discursos investigados” (Moraes, 2007, p. 112). No paradigma qualitativo, o objetivo da pesquisa científica é compreender os significados da experiência humana, explorando um fenômeno em suas múltiplas dimensões. Segundo Moraes (2007), a pesquisa qualitativa aprofunda a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com seis professores de Ciências Exatas, quatro do sexo feminino e dois do sexo masculino, e que atuam na Educação Básica, em três municípios do Vale do Taquari, RS, Brasil. Foram escolhidos dois professores de cada um dos três municípios envolvidos na pesquisa e, em cada município, um professor ministrava aula no Ensino Fundamental e o outro no Ensino Médio. Assim, dos seis investigados, três atuavam no Ensino Médio e os outros três no Ensino Fundamental. Levando em conta que os seis sujeitos investigados, quando da realização da entrevista, eram mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Exatas de uma Instituição de Ensino Superior localizada também no Vale do Taquari/RS. Este trabalho aproxima-se dos pressupostos de um estudo de caso, que é a metodologia ideal para a educação, pois trata de questões sobre o como e sobre os porquês, possibilitando a tentativa de compreensão de uma realidade em estudo (YIN, 2010).

Cabe mencionar que os sujeitos pesquisados participaram deste estudo por adesão. Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados ao longo do artigo, são denominados de Professor 1 (P1), Professor 2 (P2) e assim sucessivamente. Todos os envolvidos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Os dados que emergiram a partir das entrevistas realizadas, foram agrupados em três categorias, explicitadas e analisadas na próxima seção.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados que emergiram ao longo das seis entrevistas. Surgiram três categorias de análise: Referenciais epistemológicos do planejamento de professores de Ciências Exatas; Percepções sobre educação empreendedora e Práticas pedagógicas inovadoras: aprendendo a empreender.

A) REFERENCIAIS EPISTEMOLÓGICOS DO PLANEJAMENTO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS EXATAS

Os professores entrevistados e que atuam no Ensino Médio, quando questionados sobre os referenciais epistemológicos que norteiam o planejamento de suas aulas, colocaram que tomam as diretrizes do ENEM como uma fonte de pesquisa. Foi a posição de P1:

Como critério de seleção, eu uso muito o conteúdo que o ENEM tem cobrado [...]. Eu tenho tentado colocar dentro dessa realidade, tanto na escola pública, como na escola particular. Penso em aulas de Física que vão ao encontro do cotidiano do aluno, que ele possa lidar com aquele assunto. Por exemplo, em Física não só um trabalho da força, mas como é que fica a questão da força, do equilíbrio estático de uma ponte. A ideia é contextualizar a informação.

Este mesmo professor lê muitos artigos para o embasamento teórico de suas aulas: "Eu busco muitos artigos, principalmente na Sociedade Brasileira de Física, sempre voltados direto para o aluno. O meu referencial teórico são vários artigos" (P1).

Outros dois professores colocaram que suas escolas adotam apostilas, mas, apesar disso, eles têm liberdade no planejamento das aulas, como coloca P2:

Os conteúdos são preestabelecidos, mas não existe assim um engessamento. Aqui tem apostila, mas mesmo tendo a apostila nós não somos obrigados a segui-la. Então, muitas vezes, a gente tem que ir ao encontro do que o aluno também quer. E muito também eles pedem para a gente trabalhar novamente no 3º ano a questão da matemática básica, da porcentagem, de juros. Porque eles querem fazer concursos e muitas vezes esses conteúdos não estão na listagem de conteúdos do 3º ano do Ensino Médio. Então eu acho que isso é importante, eu acho que a gente tem que ouvir o aluno porque não adianta ele sair da escola, ter tudo o que ele teve num livro e chegar lá fora e ver o que eu vou aplicar? Hoje eu preciso e não tenho o que eu gostaria de ter!

O entrevistado P4, que ministra aulas no Ensino Fundamental, utiliza um planejamento bem dinâmico:

Meus critérios são de acordo com o que eu percebo que a turma está precisando naquele momento, ao interesse deles, sempre procurando ficar dentro do conteúdo do plano de trabalho da turma, mas procurando sempre também o interesse dos alunos. Como nas oitavas séries, que é a turma que eu estou trabalhando agora, a gente tem o projeto da viagem, então paralelamente com os conteúdos da série, a gente trabalha a viagem, sempre procurando conseguir englobar, o que tu vais ver na viagem com o que tu tens que trabalhar.

A partir das falas dos entrevistados, podemos concluir que eles se preocupam com o planejamento de suas aulas, o que vai ao encontro de uma das características do perfil de um empreendedor, que é a de planejar, planejar e planejar. Os conceitos que norteiam a educação empreendedora evidenciam a importância do planejamento em relação à execução (LOPES, 2010).

B) PERCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Esta categoria surgiu a partir do momento em que os entrevistados foram questionados sobre a educação empreendedora e a influência desta em suas práticas pedagógicas. Dos seis professores participantes deste estudo, apenas dois sabiam de imediato falar sobre educação empreendedora. Os outros três, em um primeiro momento, colocaram que não sabiam do que se tratava, mas depois que os entrevistadores explicaram o conceito, três chegaram à conclusão de que a praticavam, só desconheciam a terminologia. Um entrevistado colocou que nunca praticou e que não conseguia relacionar empreendedorismo com ensino e com sala de aula.

Seguem, primeiramente, as colocações dos professores que conheciam os conceitos que norteiam a educação empreendedora:

Eu vejo a educação empreendedora na minha prática. Professores de Física que tem um amplo conhecimento de Física, mas não conseguem realizar um bom trabalho do ponto de vista dos alunos, os quais não gostam da aula, é porque falta essa visão de empreender. Hoje tu não podes mais ficar restrito só àquela disciplina que

tu queres dar, tu precisas ler sobre outras áreas e uma das coisas que é importante para o professor é ele se ver como um administrador, pois ele administra o tempo, ele administra pessoas, ele faz parte de um grupo, então ele precisa ter conhecimento nessa área também, eu acho que é bom tu falar de empreendedorismo e educação, porque eu acho que o professor precisa ser empreendedor, não só o empresário, o professor também é líder de um grupo e aprender a praticar essa liderança também é importante. (P1)

Eu acho que empreendedorismo tem tudo a ver com sala de aula, com escola, porque, por exemplo, empreendedor não é só aquele que vai fazer uma coisa nova, que vai abrir um negócio, não precisa ser uma inovação, mas tu podes ser empreendedor dentro daquilo que tu já tens também! Então novas ideias, uma visão diferente, tentar acertar porque pode ser que tu não vais acertar na primeira tentativa e então corre riscos. Mas para tu teres essa satisfação, tu tens que correr o risco e pode não dar certo! Mas eu acho que isso é uma característica, porque quem não é empreendedor se acomoda, nem arrisca né! E eu acho isso muito importante porque, no momento em que tu tentas fazer alguma coisa diferente, aí é que é gratificante, porque se tu ficares numa mesmice sempre, as tuas aulas não atingirão o maior objetivo, que é a aprendizagem. (P2)

Podemos inferir que P1 e P2 são professores com características empreendedoras, já que se aproximam do perfil empreendedor delineado por Dornelas (2012). O autor afirma que indivíduos empreendedores são visionários, fazem a diferença, sabem explorar as oportunidades, são determinados e dinâmicos, são dedicados e apaixonados por aquilo que fazem, são organizados e bem relacionados, assumem riscos, são líderes e formadores de equipas, possuem conhecimento e criam valor para a sociedade. Percebe-se, na percepção desses professores, as características mencionadas.

Os professores P4 e P6 são os professores que, em um primeiro momento, não conseguiram realizar uma conexão entre empreendedorismo e sala de aula. Entretanto, ao longo da entrevista, concluíram que suas práticas objetivam uma aprendizagem pela ação, uma aprendizagem mais prática e contextualizada no mundo real e que prepara os alunos para lidar com as incertezas (Lopes, 2010):

Quando penso em empreendedorismo na educação, logo me vem a palavra dinâmico. Eu acho que o professor tem que entender a turma, entender os demais colegas. Eu acho que entra muito a questão do respeito, do espaço, do limite de um professor e outro. O meu limite acaba onde o teu começa [...]. A gente é um indivíduo, mas às vezes precisa se juntar para ter mais força e ir além (P4).

Penso que o professor empreendedor é uma pessoa que investe tanto em si como no todo. Pensando no coletivo, no geral. Eu acredito e luto por isso! Sou diretor de escola no turno da noite e, neste cargo, eu vi o quanto a educação empreendedora pode auxiliar na escola. Vejo meu grupo de professores unido. Chamamos o SEBRAE para trabalhar com os alunos do curso técnico e deu muito certo. Tu não consegues implantar isso num mesmo ano, é uma caminhada. Mas sinto que estou indo pelo caminho certo (P6).

A professora P3, nesta categoria, não consegue enxergar a educação empreendedora em suas práticas pedagógicas: "Olha, já ouvi falar, mas vagamente. Acho que não pratico em sala de aula...", mas ao longo do estudo, podemos verificar as características da educação empreendedora nos processos de ensino (Anastasiou, Alves; 2003) da entrevistada.

A professora P5 não conhece os princípios da educação empreendedora e também não consegue relacioná-los com o ensino e com a escola. Nota-se que essa professora resiste à inovação, preferindo continuar na zona de conforto: “Para mim, sempre vem aquela palavra na mente “o ganhar”. Então, para mim, eu não sei. Eu acho que não cabe esse assunto na educação. Acho isso muito “capitalista.”

A entrevista traz uma questão que encontramos no senso comum, de que a educação empreendedora fomenta o capitalismo. Cabe lembrar que, neste estudo, a educação empreendedora defendida é aquela que quer oportunizar uma transformação positiva nas instituições de ensino, através de professores com perfil empreendedor. Essa transformação tem o objetivo de ressignificar as dimensões pessoal, pedagógica e cultural que permeiam o ato educativo.

C) PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: APRENDENDO A EMPREENDER

Esta categoria emergiu a partir do questionamento aos entrevistados sobre se as estratégias de construção, dimensões e modalidades de acompanhamento de aprendizagens presentes nas situações de ensino organizadas por eles em suas aulas, são empreendedoras e inovadoras.

Nesta categoria, cabe salientar a fala de P3, o qual, na categoria anterior, afirmou que achava não praticar a educação empreendedora em suas aulas. Aqui, entretanto, ele coloca o quanto é inovador em suas práticas pedagógicas, levando seus alunos a aprender a empreender:

Em sala de aula e fora, trabalho muito com pesquisa no laboratório de informática, na biblioteca, com vídeos. Eles produzem vídeos e trazem para a sala de aula, agora eu estou trabalhando com eles dentro do nosso projeto de sustentabilidade. Estou trabalhando com eles tecnologias limpas e, então, eles criaram vídeos sobre tecnologias limpas. Antes disso, a gente fez toda uma pesquisa, o que são tecnologias limpas, como a gente poderia aplicar, a simplicidade disso e eles fizeram vídeos e apresentaram. Foi bem legal.

A professora segue colocando que os alunos gostam muito da maneira como ela trabalha os conteúdos, acrescenta que sente que está cada vez melhorando como pessoa e como profissional, e deve isso a seus estudos e à interação que realiza com seus alunos. Ao longo de sua fala, P3 traz para reflexão seu modo de avaliar: “As avaliações são feitas através do que eles expõem em aula, através do interesse, do buscar, do fazer, do questionar, com trabalhos de avaliação individual, provas, trabalho em grupo, vídeos e auto-avaliação”.

A professora P5, que disse não conseguir relacionar empreendedorismo com sala de aula e práticas pedagógicas, mostra uma necessidade de ter algo para seguir, como o livro didático. Percebe-se que ela promove um ensino mais repetitivo e dificuldades em inovar:

Eles têm livro didático, que eu sigo. Pode olhar os cadernos de anos anteriores, se eu passei lá no início eu estou indo no fim, eu vou indo conforme o meu planejamento. Eu tenho ali o meu diário, mas cada ano eu acrescento ou tiro coisas que não estavam legais. Se o outro ano eu dei xérox, esse ano eles têm que copiar e me apresentar. Eu cuido com os repetentes para não se tornar chato para eles.

Os professores P1 e P2, que já conheciam os conceitos relacionados à educação empreendedora, conseguem trazer exemplos do quanto empreendem e inovam em suas práticas pedagógicas:

Sim, agora a gente vai começar a desenvolver um trabalho com pontes que são construídas a partir de macarrão, fazer pontes de macarrão em escala para testar equilíbrio estático entre outras coisas, usar a maior variedade de recursos. [...]. Empolga bastante a possibilidade de criar uma nova situação, se a gente ficasse o ano inteiro com aquilo, o livro, o exercício, o livro, o exercício, enjoo e torna a coisa mecânica, quer dizer, o cara só vai conseguir responder quando a pergunta for feita daquela maneira, e isso pra mim é decoreba (P1).

No momento que eu entro na sala de aula, a primeira coisa que eu tenho que dominar muito bem é o conteúdo. Dominar o conteúdo e gostar do que tu estás fazendo! E isso a gente passa para eles! Eu acho que o nosso papel fundamental é despertar neles alguma vontade de conhecer aquilo. Porque se eles não quiserem aprender nós não vamos ensinar nada! Então desafiar, levar o aluno a buscar, porque ele vai aprender, ele vai construir! Penso que o professor de Matemática deve tentar desmistificar a ideia de que a matemática é muito difícil. Devemos trabalhar questões práticas da vida deles e daí fará sentido e os alunos vão gostar (P2).

As falas dos dois professores mostram o quão importante é acreditar na capacidade de evoluir, de integrar novas maneiras de ensinar, sempre objetivando a aprendizagem dos alunos. Acreditamos que professores com visão construtiva e empreendedora contribuem, e muito, para que os alunos se sintam desafiados a continuar a querer aprender.

Cabe, aqui, refletir sobre o sucesso pedagógico trazido por P1 e P2, pois eles mostram competência intelectual, preocupam-se com os interesses dos alunos e aproximam a teoria da prática e a vivência da reflexão teórica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos neste estudo, podemos asseverar que, aos poucos, a cultura empreendedora está adentrando nas escolas, já que cinco dos seis professores envolvidos nesta pesquisa utilizavam os conceitos norteadores da educação empreendedora e ministram práticas pedagógicas inovadoras em suas aulas, contribuindo para o a aprender a empreender e para a melhoria do ensino de Ciências Exatas.

Os professores participantes, na sua maioria, desconheciam os conceitos que norteiam a teoria empreendedora, mas, mesmo assim, aceitaram o desafio de participar desta investigação. Mostraram que possuem características do perfil de um empreendedor, pois saíram da zona de conforto, agregando valor à sua aprendizagem. Além disso, quatro entrevistados tiveram a grata surpresa ao constatar que, nas suas aulas, estavam praticando e utilizando os princípios da educação empreendedora e uma docente dizia não usar, contudo, quando convidada a falar sobre sua prática pedagógica, verificou-se que ela também era empreendedora e inovadora. Esse fato leva-nos a refletir sobre o quanto os professores necessitam teorizar suas práticas pedagógicas e o quanto os professores necessitam estudar sobre os processos de ensinar e de aprender.

O estudo em questão apresenta um cenário promissor no que se refere à utilização da educação empreendedora na Educação Básica. Lopes (2010) coloca que, de um modo geral, o principal obstáculo para socializar a educação empreendedora é a falta de motivação dos professores, já que estão despreparados para trabalhar com processos de ensino e de aprendizagem inovadores

e empreendedores. A pesquisa aqui apresentada nos mostra uma nova profissionalidade docente (Cunha, 2004), pois a maioria dos professores entrevistados está ampliando seu desenvolvimento profissional, por meio de processos contínuos de reflexão, capacitação e atitudes empreendedoras.

Acreditamos que a formação continuada é o caminho que poderá levar os professores a reafirmarem suas identidades profissionais e a entenderem o contexto no qual estão inseridos e, a partir daí, voltarem a acreditar na educação como processo possível de transformação. Sabemos que a mudança que deve ocorrer na educação não é um movimento simples, mas deve ser realizada para que a inércia existente diante da defasagem gritante entre as aspirações dos alunos e a forma de satisfazê-los, seja substituída pelos movimentos que acompanham a educação.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo ALVES, Leonir Pessato. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: UNIVILLE, 2003.

BAUER, Ruben. Empresas Auto-Organizantes. **EccoS Revista Científica**, v. 2, n. 1. Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo, p. 55-71, 2000.

CUNHA, Maria Isabel da. **Diferentes olhares sobre as práticas pedagógicas no Ensino Superior**: a docência e sua formação. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2001.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Ed. de Cultura, 2008.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LOPES, Rose Mary. **Educação Empreendedora**: conceitos, modelos e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, São Paulo: Sebrae, 2010.

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **Rev. Adm. Empres.** São Paulo, v. 40, n. 3, p. 8-17, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902000000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 07 jan. 2016.

MARTINS, Silvana N. **Educação empreendedora transformando o ensino superior: diversos olhares de estudantes sobre professores empreendedores**. 2010. 171f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENSLIN, Mônica Schüle; HOBOLD Márcia de Souza Hobold. Formação Continuada dos Professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental: Necessidades Formativas. In: **Revista Contrapontos**, Vol. 14 - n. 3 - set-dez 2014. Disponível em < <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/5004>> Acesso em 24 mar. 2015.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. In: MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. (orgs.). **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PANIZZI, Wrana Maria. **Universidade para quê?** Porto Alegre: Libretos, 2006.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookmann, 2010.